

O MODELO INTERNO DINÂMICO DA MÃE E O COMPORTAMENTO DE BASE SEGURA DOS SEUS FILHOS NUM GRUPO DE CRIANÇAS ADOPTADAS¹

*Manuela Veríssimo*²

*Fernanda Salvaterra*³

Resumo: O estudo da qualidade da vinculação em crianças adoptadas é de extrema relevância para a Teoria da Vinculação, uma vez que permite avaliar a qualidade da vinculação e o seu desenvolvimento em famílias, nas quais não há partilha da mesma informação genética nem da mesma história familiar. São dois os objectivos principais do presente trabalho: 1) avaliar se a idade da criança à data da adopção tem alguma influência na qualidade da vinculação estabelecida com a sua nova família e 2) verificar se existe uma relação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura do seu filho(a) adoptado(a). Para atingir tais objectivos foram utilizados, o *AQS* (Waters, 1987) para a caracterização da qualidade de vinculação mãe-criança e as *Narrativas Maternas* (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001) para aceder ao modelo interno da mãe. Não foi encontrada uma relação entre a idade e a qualidade da vinculação, facto que sugere que a criança consegue estabelecer relações significativas ao longo dos primeiros anos de vida. Tal resultado questiona, por um lado, a noção de período crítico para o estabelecimento da vinculação e, por outro lado, salienta o papel fulcral de uma figura estável e sensível para a promoção e desenvolvimento de laços afectivos. Os resultados obtidos demonstram ainda que a qualidade dos *scripts* de base segura maternos está relacionada com os valores do critério de segurança dos seus filhos. Desta forma, os nossos resultados estão de acordo com M. Ainsworth – que sempre sublinhou ao longo dos seus trabalhos, o papel importante da sensibilidade materna na construção de uma vinculação segura – e suportam um dos princípios básicos da Teoria da Vinculação, o conceito de transgeracionalidade, em que o modelo interno da mãe é tido como um factor mediador da qualidade da prestação

¹ As autoras gostariam de agradecer a todas as mães e crianças que aceitaram participar neste estudo e gostariam ainda de agradecer às psicólogas Ana Marques, Ana Rita Santarém e Alexandra Sousa, que colaboraram na recolha de dados, bem como ao Prof. Dr. António J. Santos, pelos comentários ao presente artigo.

² Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação, ISPA. A correspondência sobre este artigo deverá ser enviada para Manuela Veríssimo, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1100 Lisboa, ou para o seguinte endereço de correio electrónico: mveriss@ispa.pt.

³ Serviço de Adopções do Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa.

dos cuidados e interação que esta estabelece com o seu filho(a), e que se reflecte na qualidade de vinculação das crianças.

Palavras-chave: vinculação, adopção, modelos dinâmicos internos

Mothers' Internal Model of attachment and Their Children's Secure Base Behaviour in an adopted sample (Abstract): Studying the quality of attachment in adopted children is of great importance for the attachment theory allowing for an evaluation of the quality of attachment and its development in families that do not have the same genetic information nor do they share a familial history. The objectives of the current study are to evaluate if the child's age at the time of adoption affects the quality of attachment established within the new family and if a relationship between the mother's internal working model and the adopted child's secure-base behaviour exists. The *AQS* (Waters, 1987) was used to examine the characterization of the quality of the mother-child attachment relationship and the *Maternal Narratives* (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001) were used to access the mother's internal working model. No significant correlation was found between the child's age and the quality of attachment suggesting that the child can establish meaningful relationships at 2, 3 and 4 years of age, thus stressing the importance of the presence of maternal sensitivity in the development of affectional ties. The results show that the quality of scripts of maternal secure base is associated with the criterion of security in children. Thus, these results go hand in hand with Ainsworth's findings which emphasize the importance of maternal sensitivity in the construction of a secure attachment, and support one of the basic principles of the attachment theory, "transgenerationality", where the mother's internal working model mediates the quality of childcare and interactions established with the child.

Key-words: attachment, adoption, internal working models

Introdução

Actualmente, foi dado um grande passo no sentido de considerar a adopção em função dos interesses e dos direitos da criança. Falar em adopção é falar na questão da parentalidade psicológica e consequentemente na filiação psicológica. A primeira tarefa que a criança adoptada enfrenta é ligar-se aos novos pais, é vincular-se à nova família. Por outro lado, o desafio para os pais adoptivos é vincularem-se a uma criança – que vem sempre de uma família diferente – com a qual eles desejam e têm a expectativa de criar laços afectivos. Em última instância, e a um nível emocional, esperam que a criança se torne realmente seu filho(a).

A Teoria da Vinculação postula que a capacidade para estabelecer relações emocionais próximas é central no desenvolvimento humano, estando presente desde o nascimento e mantendo-se ao longo do ciclo de vida do indivíduo. Bowlby (1969-1982, 1973) conjugou as formulações da psicanálise, etologia, psicologia do desenvolvimento e da teoria dos sistemas de controlo, para argumentar que um relacionamento afectivo e contínuo com uma prestadora de cuidados promove a saúde mental e bem-estar ao longo da vida. Define, assim, vinculação, como a primeira relação afectiva da criança, que ocorre normalmente com a mãe e serve como molde para todas as futuras relações da criança.

Bowlby (1969) concebe a ligação da criança à mãe como um sistema de controlo comportamental que regula os comportamentos de proximidade e exploração do meio, sendo que o seu objectivo primário é não só a manutenção da proximidade entre a mãe e a criança, como também a protecção da criança pela mãe de eventuais perigos (função biológica). Numa segunda fase, a criança internaliza o modelo relacional com a figura materna, o que lhe proporciona a segurança necessária para explorar o meio (função psicológica). O estudo desses laços emocionais e da construção dos modelos dinâmicos internos reveste-se de particular importância, pois sabe-se hoje que a natureza do desenvolvimento social precoce do bebé constitui os alicerces daquilo que será o seu relacionamento social futuro (Schaffer, 1996).

Um elemento central e actual no estudo da vinculação consiste no facto de o modelo dinâmico interno que os pais têm da relação de vinculação ser um factor que medeia a interacção que estabelecem com os seus filhos, e que esta se reflecte na qualidade de vinculação das crianças (Bretherton, 1985; Main, Kaplan & Cassidy, 1985; Posada, Waters, Crowell, Lay, 1995; Grossmann *et al.*, 2002; Tini, Corcoran, Rodrigues-Doolabh & Waters, 2003).

Bowlby (e.g., 1973) afirmou que os modelos dinâmicos internos possuem informação importante sobre comportamentos, afectos e expectativas acerca de relações íntimas ao longo da vida. Estes modelos são representações de relações de vinculação passadas e presentes e constituem uma base de dados que pode ser consultada quando novas relações se constroem (e.g., Zimmerman, 2004). Desta forma, sujeitos com uma história de vinculação insegura podem distinguir-se de sujeitos com uma história de vinculação segura, quer em termos da mobilização do conhecimento de base segura, quer na qualidade dessa mesma informação.

Recentemente, I. Bretherton e H. Waters procuraram, no conceito de *script*, uma nova via de acesso à compreensão do funcionamento dos modelos dinâmicos internos. Os *scripts* são criados no decurso da repetição de experiências de natureza semelhante e são mobilizados, sempre que uma

determinada experiência é semelhante ao *script* existente, permitindo ao sujeito prever com maior ou menor sucesso o que irá acontecer para além do contexto imediato (Nelson, 1986; Nelson & Hudson, 1988; Oppenheim & H. Waters, 1995).

H. Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) propuseram um procedimento com vista a avaliar a organização do conhecimento de base segura, utilizando narrativas produzidas por adultos em resposta a um conjunto de palavras sugestivas. Os estudos realizados por H. Waters *et al.* (1998) indicam que as experiências de vinculação, vividas no contexto das primeiras relações de vinculação, são representadas sob forma de uma estrutura de *script* causal-temporal em torno dos componentes do “fenómeno de base segura”. Desta forma, a familiaridade e o acesso a este *script* assumem um papel importante na organização do equilíbrio entre os comportamentos de proximidade e os comportamentos de exploração durante a infância, constituindo, assim, a base dos modelos internos de vinculação que emergem posteriormente.

Na idade adulta, H. Waters e Rodrigues (2001) sugerem que o conhecimento de tipo *script*, relativo a ter e/ou ser uma base segura de outra pessoa, contém diversos elementos, elaborados na seguinte sequência: a) interacção construtiva entre os membros da díade de vinculação; b) um obstáculo à continuação da interacção; c) um sinal de que é necessária ajuda, detecção do sinal pelo parceiro; d) oferta de ajuda efectiva; a ajuda é sentida pelo receptor como reconfortante; e) resolução e/ou regresso à interacção construtiva com o meio físico ou social.

Com base neste método, Tini, Corcoran, Rodrigues-Doolabh & Waters (2003) demonstraram, posteriormente, que o *script* de base segura materno se encontrava associado com as classificações dos seus filhos na *Situação Estranha*. Num estudo recente, Vaughn, Copolla, Veríssimo, Monteiro, Santos, Posada, Carbonell, Plata, Waters, Bost, McBride e Shin (em publicação) evidenciaram que mães pertencentes a diferentes grupos culturais produziam narrativas de base segura detalhadas e explícitas, quando lhes eram apresentados os mesmos conjuntos de palavras sugestivas utilizadas nas amostras americanas. Finalmente, Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos e Waters (2005) revelaram a existência de uma correlação positiva entre a qualidade do *script* de base segura materno e o comportamento de base segura das crianças, numa amostra de díades portuguesa.

O estudo da qualidade da vinculação em crianças adoptadas é de extrema relevância para a Teoria da Vinculação, uma vez que permite avaliar a qualidade da vinculação e o seu desenvolvimento em famílias nas quais não há partilha da mesma informação genética, nem da mesma história familiar. As famílias adoptivas, ao contrário das biológicas, não se encontram envolvidas com a criança e com o seu desenvolvimento desde os seus

primeiros sinais de vida. Logo, podemos avaliar se a qualidade da vinculação é diferente entre famílias biológicas e famílias adoptivas e questionar a existência de um período crítico para a construção da relação de vinculação.

Estudos feitos em Inglaterra e no Canadá sugerem que, a longo prazo, não se encontram diferenças significativas na qualidade da vinculação entre crianças adoptadas, mesmo que tenham sofrido algum tipo de privação, e crianças a viver com as suas famílias biológicas (O'Connor, Bredenkamp & Rutter, 1999; Chisholm, 1998; Chisholm, Carter, Ames, Morison, 1995). Consequentemente, um dos objectivos do presente trabalho é avaliar se a idade da criança à data da adopção tem alguma influência na qualidade da vinculação estabelecida com a sua nova família.

Como segundo objectivo, pretendemos avaliar a relação entre o modelo dinâmico interno da mãe e o comportamento de base segura do seu filho(a) adoptivo(a). Encontrar uma relação directa entre os *scripts* de vinculação da mãe e a qualidade de vinculação, numa amostra na qual não há partilha de informação genética, permite compreender melhor os mecanismos pelos quais os pais transmitem aos seus filhos as bases para a construção do seu próprio modelo interno (Dozier, Chase-Stovall, Albus, Bates, 2001; Stams, Juffer, Van Ijzendoorn, 2002).

Método

Participantes

Os participantes deste estudo são 106 díades mãe/criança, número que corresponde às adopções realizadas pelo Serviço de Adopções do Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa. As crianças tinham idades compreendidas entre os 10 meses e os 69 meses ($M = 37,84$ e $DP = 16,352$), sendo 62 do sexo feminino e 44 do sexo masculino. As mães tinham idades entre os 25 e os 49 anos ($M = 35,92$ e $DP = 4,839$) e os pais tinham idades entre 28 e os 50 anos ($M = 38,22$ e $DP = 4,642$). As habilitações literárias das mães variam entre os 4 e os 22 anos de escolaridade ($M = 12,95$ e $DP = 4,335$), e as dos pais entre os 4 e os 19 anos ($M = 12,58$ e $DP = 4,182$).

As crianças tinham entre 3 semanas a 47 meses quando foram adoptadas ($M = 9,0146$ e $DP = 11,93419$). O tempo de vida em comum varia entre 6 a 69 meses ($M = 29,06$ e $DP = 16,795$). A grande maioria das crianças são de origem caucasiana (76%), 23 (22%) são de origem africana e 2 (2%) de etnia cigana. Os pais adoptivos são predominantemente caucasianos (94%).

A principal motivação para a adopção é a infertilidade do casal (85%), seguida de gravidez inviável por problemas de saúde da mãe (7%), solidariedade (5%), na sequência do falecimento de filho biológico (2%) e não ter parceiro ou projecto individual (1%).

Instrumentos

Attachment Behaviour Q-Set – versão 3,0 de Waters (1987)

O *Attachment Behaviour Q-Set (AQS)* avalia a qualidade do comportamento de base segura da criança, face à mãe ou a outras figuras, num contexto ecologicamente válido. Tal como a maioria dos *Q-sort*, o *AQS* é preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa. Os 90 itens do instrumento são distribuídos pelo observador numa escala de nove níveis, que variam do “extremamente característico” até ao “extremamente incaracterístico”. Esta distribuição deve ser realizada tendo em consideração a sua saliência ou relevância para a criança a ser descrita. Os itens que são mais característicos da criança ou como a criança são colocados nas categorias mais elevadas (9 – 7), e os itens menos característicos, ou os que não são como a criança observada são colocados nas categorias mais baixas (3 – 1). Os itens que não são nem característicos, nem incaracterísticos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição (categorias 6 – 4). O *AQS* inclui numerosos comportamentos relevantes para a caracterização do fenómeno de base segura, no entanto, é a organização destes comportamentos, apresentada no perfil *Q-sort*, que indica o grau em que o comportamento de base segura está presente no repertório de uma criança enquanto interage com a sua mãe.

Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos

Quatro grupos de palavras sugestivas foram desenvolvidos, de modo a guiar a produção de histórias relativas a cenários importantes, do ponto de vista da vinculação. As histórias são: “A manhã do bebé”, “No consultório médico”, “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente”. Os dois primeiros cenários referem-se à interacção mãe/criança e os outros dois à interacção adulto/adulto. São utilizadas, ainda, duas histórias consideradas neutras: “O passeio no parque” e “Uma tarde nas compras”.

O protótipo de *script* de base segura é definido por: a base segura mãe/parceiro(a) ajudar o indivíduo (personagem da história) a lidar com a angústia e no regresso da situação ao normal. Nos cenários mais positivos, o objectivo da base segura é facilitar a exploração, promovendo experiên-

cias positivas (Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, Waters, 2005, Waters & Rodrigues, 2001).

Procedimento

Observações do *AQS*

As Visitas domiciliárias, de 2 a 3 horas, foram combinadas com as mães, com o objectivo de observar a interacção criança-mãe. Estas foram realizadas por dois observadores que se comportaram como se de visitas sociais da casa se tratassem, procurando não interferir na rotina familiar, mas participando das brincadeiras da criança quando solicitados e conversando informalmente com a mãe, tendo tido sempre o cuidado de não perturbar as interacções mãe-criança. Quando se tornava oportuno e na sequência da conversa com a mãe, foram-lhe colocadas questões acerca de itens que os observadores não podem observar (ex.: o item 10 refere-se ao comportamento da criança quando se vai deitar) e de itens que não foram observados na visita (ex.: o item 47 refere-se à aceitação por parte da criança, enquanto brinca, de sons barulhentos ou em ser balançada, se a mãe lhe sorrir e mostrar que é divertido).

Os observadores foram treinados durante um período de várias semanas antes de iniciarem as observações, tendo discutido os itens e completado o *Q-sort* em conjunto com a primeira autora como parte integrante do treino. As descrições *Q-sort* da criança foram realizadas a seguir às visitas pelos dois observadores em conjunto.

Narrativas Maternas

As mães responderam a 6 conjuntos de palavras sugestivas (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001), que foram apresentados um de cada vez por um investigador da equipa. Para cada história é apresentado um conjunto de palavras organizadas em três colunas. As instruções dadas às mães são estandardizadas (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado). Três das narrativas referem-se explicitamente a conteúdos da relação mãe-criança (ex., manhã do bebé, o consultório do médico) e as restantes procuram activar conteúdos referentes à temática das relações adulto-adulto (O acampamento da Joana e do Pedro; O acidente da Susana). Os conjuntos de palavras sugestivas foram apresentados em seis sequências diferentes. Saliente-se que se apresentou sempre as três histórias referentes à interacção mãe-criança como um bloco e as referentes aos adultos como um outro bloco, isto é, as mães realizavam todas as três histórias de um bloco antes de lhes ser apresentada uma história do outro bloco. Cada ordem das histórias foi apresentada de um modo equilibrado na amostra, consequentemente, as histórias não foram apresentadas na

mesma ordem às mães participantes (Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, Waters, 2005).

As narrativas maternas foram recolhidas no final de cada visita domiciliária que visava a avaliação da relação de base segura. Quando as observações terminavam, era pedido à mãe que acompanhasse um dos observadores a outra divisão da casa, com vista a realizar as narrativas, enquanto o outro observador brincava com a criança. A maioria das mães realizou a tarefa em 15-20 minutos. As histórias foram gravadas e posteriormente transcritas de forma a se poder efectuar a sua cotação.

Resultados

Qualidade da vinculação

Tomando-se por referência os valores dos critérios de segurança e dependência (Waters, 1987), definidos por um conjunto de peritos e relativos a uma criança ideal, correlacionou-se a informação recolhida através do *Q-sort*, para a mãe, com os valores acima referidos dos critérios da criança ideal, tendo como objectivo obter o resultado para cada uma das crianças nos dois constructos em causa: para o valor critério de segurança ($M = 0,39$, $DP = 0,16$) e para a dependência ($M = 0,005$, $DP = 0,21$). Comparando estes resultados com outros estudos efectuados com mães biológicas, verificamos que os valores obtidos são semelhantes aos referidos na literatura (i.e., Veríssimo *et al.*, 2005; Posada *et al.*, 1995).

Com vista a analisar os dados obtidos, recorreu-se ainda às quatro escalas, elaboradas por Posada *et al.* (1995), de forma a descrever a relação adulto-criança: *Interação suave*; *Contacto físico*; *Interação com outros adultos*; e *Proximidade*. A Tabela 1 apresenta as médias, desvio-padrão e *alphas*. Mais uma vez, estes resultados são semelhantes aos referidos na literatura (i.e., Veríssimo *et al.*, 2005; Posada *et al.*, 1995).

Tabela 1: Médias para o pai e mãe nas escalas de Posada *et al.* (1995).

	M	DP	Alpha de Cronbach
Interação suave	6,09	0,84	0,76
Contacto físico	5,69	0,98	0,65
Interação com outros adultos	5,45	1,12	0,80
Proximidade	6,32	1,46	0,71

Foi encontrada uma diferença significativa nos valores de segurança em função do género. As raparigas apresentam valores mais elevados que os rapazes, ao nível do critério de segurança ($F(1,105) = 5,57$, $p < 0,05$). Não foram encontradas diferenças significativas em função da etnia da criança. Uma análise exploratória indicou que, relativamente ao género da criança desejada pelas famílias adoptantes, o pedido de adopção de raparigas é superior ao dos rapazes, o que pode explicar esta diferença.

Relação entre os critérios de segurança e as variáveis descritivas

Procurou-se, através de uma análise de correlação, verificar a existência de associações significativas entre as diferentes medidas de vinculação e as variáveis descritivas. Como se pode verificar pela Tabela 2, existe uma correlação significativa e positiva entre a variável dependência e as habilitações literárias do pai e da mãe. Os resultados apontam para a existência de uma correlação negativa entre a variável dependência e a idade da criança, assim como entre a escala de contacto físico e a idade da criança. Estes resultados estão de acordo com a teoria, uma vez que, quanto mais velha a criança, mais se espera que a correlação com a dependência seja negativa. No entanto, o resultado mais interessante é a ausência de correlação entre a idade da adopção ou o tempo de vida em comum e o grau de segurança.

Tabela 2: Correlações entre as medidas do *Q-sort* e as medidas descritivas

	Segu- rança	Depen- dência	Inter- acção suave	Con- tacto físico	Interacção com outros adultos	Proxi- midade
Habilitações Pai	0,18	0,29*	-0,01	0,09	0,01	0,22*
Habilitações Mãe	0,19	0,21*	0,03	0,08	-0,06	0,14
Idade Pai	0,07	0,17	-0,01	0,05	-0,10	0,19
Idade Mãe	0,08	0,14	-0,02	-0,02	-0,05	0,14
Idade	-0,06	-0,47**	0,15	-0,26*	0,15	-0,47**
Idade à data da adopção	0,08	0,07	0,12	-0,05	0,05	0,02

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Narrativas Maternas

Dois investigadores leram e cotaram cada história, utilizando uma escala de 7 pontos definida por H. Waters e Rodrigues-Doolabh (2004).

Dos dois investigadores que cotaram as narrativas, um recebeu treino intensivo por parte de H. Waters. As correlações entre os investigadores variaram entre 0,75 e 0,86. Foi realizada a média das cotações das histórias mãe-criança, obtendo-se, assim, um *valor compósito* para este grupo. O mesmo procedimento foi efectuado para as histórias adulto-adulto. Um *valor* global foi obtido através do cálculo da média de todas as histórias. As correlações entre o valor compósito para as histórias mãe-criança e o valor compósito para as histórias adulto-adulto variaram entre 0,82 e 0,88. Os resultados são consistentes com os apresentados por Rodrigues-Doolabh *et al.* (2003) e Veríssimo *et al.* (2005).

Numa análise mais descritiva, procurou avaliar-se a relação entre variáveis demográficas e os valores obtidos nos *scripts*. As correlações entre a idade e habilitações literárias da mãe com os resultados das narrativas não se revelaram significativas. Uma análise de variância dos três tipos de *scripts*, não revelou a existência de diferenças significativas em função do género da criança.

Modelo dinâmico interno da mãe e qualidade da vinculação mãe-criança

Ao nível da amostra total, verificou-se que o valor do critério de segurança se encontra significativamente correlacionado com ambos os valores compósitos das narrativas mãe/criança e das narrativas adulto/adulto, bem como com o valor compósito total. Os valores das correlações são apresentados na Tabela 3. Concluindo, as mães com *scripts* considerados seguros são, também, aquelas cujos filhos apresentam valores mais elevados no valor-critério de segurança do *AQS* (Waters, 1987).

Tabela 3: Correlações entre os valores das *Narrativas Maternas* e o comportamento de base segura das crianças em casa

Critério de Segurança	R
Histórias Mãe-Criança	0,33**
Histórias Adulto-Adulto	0,36**
Score Composite Vinculação	0,38**

Nota: ** $p < 0,01$.

Discussão

Os resultados obtidos no presente estudo apontam para a não existência de uma relação directa entre a idade da criança à data de adopção e a qualidade da vinculação estabelecida com a nova família e estão de acordo com os poucos estudos realizados sobre a temática da vinculação com crianças adoptadas nesta faixa etária (Chisholm, 1998). Tal facto tem implicações, quer teóricas, quer ao nível da intervenção. Do ponto de vista teórico, questiona a noção de períodos críticos e implica considerar o desenvolvimento não como um processo determinista, mas sim com alguma flexibilidade. Do ponto de vista da intervenção, pode ajudar a desmistificar o pedido de bebés por parte dos pais, mais de 80% dos pais adoptivos referem a preferência por recém-nascidos.

Os nossos resultados demonstram que as crianças adoptadas conseguem estabelecer relações significativas de qualidade, ao longo dos primeiros anos de vida, e suportam a conclusão de que uma figura sensível pode promover uma boa relação. Importa frisar que tais resultados vão ao encontro da posição sempre defendida por M. Ainsworth sobre o papel essencial que a sensibilidade materna assume na construção de uma vinculação segura.

O segundo objectivo deste trabalho visava a replicação dos resultados de Tini *et al.* (2003) e Veríssimo *et al.* (2005), numa amostra de crianças adoptadas. Pretendia-se, desta forma, desenvolver o conhecimento sobre a organização dos conhecimentos de base segura maternos, particularmente enquanto factor mediador no estabelecimento da qualidade da relação de vinculação com a criança.

Os resultados obtidos sugerem, mais uma vez, que as *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) são válidas para avaliar a representação e organização dos conhecimentos de base segura maternos, dando, deste modo, um importante contributo para o estudo da compreensão da qualidade das relações de vinculação nos adultos.

Estes resultados demonstram que a qualidade do modelo interno materno está relacionada com os valores do critério de segurança dos seus filhos, ou seja, suportam um dos princípios básicos da Teoria da Vinculação, o conceito de transgeracionalidade. Neste conceito, o modelo interno da mãe é tido como um factor mediador da qualidade da prestação dos cuidados e interacção que esta estabelece com o seu filho(a) (ex., Bretherton, 1985; Main *et al.*, 1985; Posada, Waters *et al.*, 1995; Steele, Steele & Fonagy, 1996; Tini *et al.*, 2003). Os resultados são ainda mais interessantes visto salientarem a importância da relação, dado que, nesta amostra, não se coloca a questão de partilha de informação genética.

No entanto, que tipo de comportamentos maternos na interacção com a criança levam à construção de uma relação de vinculação segura, e posteriormente à elaboração de um *script* seguro, está ainda por esclarecer. Coppolla, Vaughn, Cassibba & Costantini (*in press*) demonstraram recentemente a existência de uma relação entre a qualidade das narrativas maternas e a sensibilidade materna. Estudos que incluam, para além de medidas de representação, medidas de observação directa da interacção mãe-criança, como os anteriormente referidos, podem contribuir significativamente para melhor compreender quais os mecanismos comportamentais subjacentes à transmissão social da qualidade da vinculação.

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1979). Attachment as related to mother-infant interaction. In *Advances in the study of behavior* (vol. 9), J. S. Rosenblatt, R. A. Hinde, C. Beer, M. Busnel. New York: Academic Press.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and Loss: Vol. 1 – *Attachment*. New York: Basic.
- Bowlby, J. (1973). Attachment and Loss: Vol. 2 – *Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic.
- Bretherton, I., (1985) Attachment theory: retrospect and prospect. In I. Bretherton et E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*, Serial N.º 209, vol. 50, N.ºs 1-2, pp. 3-39.
- Chisholm, K., Carter, M. C., Ames, E. W., & Morison, S. J. (1995). Attachment security and indiscriminately friendly behavior in children adopted from Romanian orphanages. *Dev. Psychopathol*, 7, 283–294.
- Chisholm, K. (1998) A Three year follow-up of attachment and indiscriminate friendliness in children adopted from Romanian orphanages, *Child Development*, 69 (4), 1092-1106.
- Coppolla, Vaughn, Cassibba & Costantini (*in press*). The Attachment Script Representation Procedure in an Italian Sample: Associations with Adult Attachment Interview Scales and with Maternal Sensitivity. *Attachment and Human Development*.
- Dozier, M., Chase-Stovall, K., Albus, K. & Bates, B. (2001). Attachment for infants in foster care: The role of caregiver state of mind. *Child Development*, 72 (5), 1467-77.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (N.ºs 1–2, Serial N.º 209), 66-104.
- Nelson, K. (1986). *Event knowledge: Structure and function in development*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Nelson, K., & Hudson, J. (1988). Scripts and memory: Functional relationships in development. In F. E. Weinert & M. Perlmutter (Eds.), *Memory development: Universal changes and individual differences* (pp. 87-105). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- O'Connor T., Bredenkamp, D., Rutter, M., *et al.* (1999). Attachment disturbances and disorders in children exposed to early severe deprivation. *Infant Mental Health Journal*, 20, 10-29.
- Oppenheim, D. & Waters, H. S., (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (N.^{os} 2-3, Serial N.^o 244), 197-215.
- Posada, G., Goa, Yuan, Wu, Fang, Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behaviour, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada & kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3), 27-47.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada & kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.
- Rodrigues-Doolabh, L., Zevallos, A., Turan, B., & Green, K. (2003). Attachment scripts across cultures: Further evidence for a universal secure base script. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Schaffer, H. R. (1996). *Social Development*. Oxford: Blackwell.
- Stams, J., Juffer, F., Van Ijzendoorn, M. (2002) Maternal sensitivity, infant attachment, and temperament in early childhood predict adjustment in middle childhood: The case of adopted children and their biologically unrelated parents. *Developmental Psychology*, 38, 806-21.
- Steele, M., Hodges, J. L., Kaniuk, J., Hillman, S., & Henderson, K. (2003) Attachment representations and adoption: associations between maternal states of mind and emotion narratives in previously maltreated children. *Journal of Child Psychotherapy*, 29, 2, 187-205
- Tini, M., Corcoran, D., Rodrigues-Doolabh, L., & Waters, E. (2003). Maternal attachment scripts and infant secure base behavior. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).

- Vaughn, B., & Waters, E. (1990). Attachment behaviour at home and in the laboratory: Q-sort observations and strange situation classification of one-year-old. *Child Development*, *61*, 1965-1973.
- Vaughn, Copolla, Verissimo, Monteiro, Santos, Posada, Carbonell, Plata, Waters, Bost, McBride, Shin (no prelo) Coordination between the Organization of Maternal Secure Base Scripts and Children's Secure Base Behavior at Home in Three Socio-Cultural Groups. *International Journal of Behavioural Development*.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Watters, H. (2005) Coordenação entre o Modelo Interno Dinamico da Mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, *2* (XXIII), 7-17.
- Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-set (version 3.0). In Waters, Vaughn, Posada & kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs Child Development*, *60* (2-3), 234-246.
- Waters, H. S., & Rodrigues. (2001). Are attachment scripts the building blocks of attachment representations? Narrative assessment of representations and the AAI. In H. Waters & E. Waters (Chairs). *Narrative Measures of Attachment for Adults* (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN, April, 2001).
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, *71*, 211-234.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, *88*, 83-101.